



O Uso da Fotografia como Instrumento de Inclusão Social – uma Experiência com Adolescentes de uma Comunidade de Baixa Renda na Cidade de Blumenau/SC¹

Anamaria Teles²

Jacqueline Samagaia³

Universidade Regional de Blumenau (FURB)

Resumo

Este trabalho apresenta os resultados do Projeto de Extensão “Verter: Inclusão Social através da Fotografia”, realizado em 2006 em Blumenau/SC com adolescentes de uma comunidade de baixa renda. O projeto buscou fornecer subsídios práticos e teóricos para os adolescentes se expressarem através da fotografia, contribuindo para a sua alfabetização visual - o desenvolvimento da compreensão dos códigos visuais que proliferam na sociedade contemporânea. A partir das imagens produzidas, buscamos discutir o cotidiano e os problemas da comunidade, refletindo sobre formas de enfrentamento destas questões. Analisando as fotografias realizadas, percebemos que os amigos e a família foram os temas mais recorrentes, enquanto a comunidade em seu contexto físico e ambiental foi desvalorizada, aparecendo como pano de fundo dos retratos e não como objeto central.

Palavras-chave

Inclusão Social; Fotografia; Adolescentes.

Os Adolescentes e a Comunidade

Este trabalho discute a possibilidade de utilização da fotografia como instrumento de inclusão social, apresentando os resultados do Projeto de Extensão “Verter: Inclusão Social através da Fotografia”, realizado durante o ano de 2006 na cidade de Blumenau/SC com um grupo de adolescentes de uma comunidade de baixa renda, em uma parceria da Universidade Regional de Blumenau com o Fundo Municipal da Criança e do Adolescente (FIA).

De caráter interdisciplinar, com professores e alunos dos cursos de Comunicação Social, Serviço Social e Psicologia, o projeto partiu do pressuposto de que a fotografia pode ser

¹ Trabalho apresentado ao GT Práticas Sociais em Comunicação, do VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul.

² Coordenadora e Professora do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Universidade Regional de Blumenau (FURB). Coordena o Projeto de Extensão Verter: Inclusão Social através da Fotografia. Mestre em Antropologia Social (UFSC), com graduação em Comunicação Social – Jornalismo (UFRGS). Membro do Núcleo de Antropologia Visual (NAVI) da UFSC. Trabalhou como fotógrafa independente para jornais e revistas da Região Sul. Email: anamariateles@furb.br

³ Professora do Curso de Serviço Social da Universidade Regional de Blumenau (FURB). É Coordenadora do Programa de Extensão Assessoria e Capacitação às Lideranças Comunitárias, do qual o Projeto de Extensão Verter: Inclusão Social através da Fotografia está inserido. Doutoranda em Geografia (UFSC), Mestre em Serviço Social (PUC/SP), com graduação em Serviço Social (FURB). Email: jacque@furb.br



um instrumento para meninos e meninas viverem a sua cidadania, valorizando suas relações sociais e dando visibilidade a sua comunidade.

O projeto foi desenvolvido em uma área da periferia de Blumenau, tendo como referência a rua Pedro Krauss Sênior e suas adjacências, região esta que é denominada pelos próprios moradores de *comunidade Pedro Krauss*. Esta área é ressaltada em estudos realizados no município em função das problemáticas sociais, econômicas e ambientais concentradas no local, como habitações em condições precárias e em área de risco, esgoto a céu aberto, falta de áreas de lazer e atendimento precário por parte das políticas públicas locais. (RELATÓRIO DO PROJETO ASSENTAMENTOS HUMANOS, 1998).

Há cerca de 5 anos a Universidade Regional de Blumenau vem realizando um trabalho de assessoria comunitária, procurando identificar as principais problemáticas na comunidade e discutir formas de enfrentamento destas situações. Entre os principais reclames da comunidade está a questão da violência, principalmente envolvendo jovens e adolescentes do local.

Embora a violência se expresse como uma das características das grandes metrópoles, as cidades de médio e pequeno porte não estão imunes a este crescente “risco”, e Blumenau não foge a este contexto. Historicamente, as elites econômicas e políticas locais tiveram uma grande preocupação em embelezar e dotar de infra-estrutura o centro urbano, enquanto nas periferias foi se avolumando todo tipo de problemas, desde ocupação irregular dos morros e encostas até falta de saneamento básico e de investimentos em saúde, lazer e educação.

A aproximação com esta realidade permitiu compreender como os elementos ora apresentados se objetivam na vida dos moradores da cidade e de que forma desencadeiam relações de violência. Uma das principais questões trazidas pelos moradores diz respeito à violência praticada no dia-a-dia da comunidade entre os próprios moradores (roubos, ameaças, violência física) e no conflito com a polícia. As reclamações dos moradores geralmente atribuíram essa violência aos jovens e adolescentes.

As relações entre violência, espaço ilegal e processos de exclusão se tornam evidentes em um país como o Brasil, cujo processo de crescimento urbano acelerado expulsou grandes contingentes de pessoas do campo para as cidades e excluiu milhões de pessoas das benfeitorias e equipamentos urbanos. É justamente nestas áreas em que se concentram as situações de pobreza que a violência se manifesta mais diretamente,



como resultado de amplos processos de exclusão social. A falta do Estado, de perspectivas de vida, de trabalho, e de segurança social, coloca as pessoas em situação de vulnerabilidade às diferentes formas de manifestação da violência.

Um dos estudos realizados pela equipe do Programa de Extensão procurou obter informações sobre a violência, através dos depoimentos dos sujeitos que a vivenciam em seu cotidiano. Ao mesmo tempo, o grupo de pesquisa buscou subsídios teóricos que dessem sustentação para análise do fenômeno. Tais informações foram levantadas através de entrevistas individuais e discussões sobre a violência realizadas em grupos organizados da comunidade, principalmente junto aos jovens e adolescentes.

Através dos dados da pesquisa e das reflexões sobre as intervenções e estudos feitos no local, pôde-se perceber que a violência para a comunidade se expressa em sua dimensão mais ampla. Segundo depoimentos dos moradores, ela não se limita apenas à agressividade, ou seja, ela pode se expressar nos atos de ameaças, no consumo e comércio de drogas (principalmente pelos mais jovens), na desigualdade social, na carência de espaços de lazer, na falta de policiamento e nas atitudes preconceituosas dos policiais, entre outros.

Conforme observou Pinheiro, a violência se torna um mediador das relações sociais cotidianas entre as populações mais pobres das periferias, onde as pessoas não possuem condições dignas do que se poderia chamar de vida urbana, ou seja, o acesso aos bens e serviços produzidos pela sociedade abrangente (PINHEIRO, 1997).

Outra situação apontada pelos moradores jovens na pesquisa realizada por esta universidade, apontou a “educação na família” como umas das causas da violência local, argumentando que é no interior da família que se constroem os atos e a vontade de praticar a violência. Esta crença de que a família é responsável pela criminalidade é bem complicada, pois responsabiliza a mesma quanto ao “destino” de seus membros, como se ela pudesse, sozinha, funcionar como um núcleo educador, na contramão dos infortúnios criados pela sociedade. Conforme observou Paulo Fraga, o núcleo familiar sofre neste contexto:

Os jovens são as principais vítimas da violência. É pela falta de oportunidade de emprego e estudo que os jovens se tornam vítimas e se envolvem com o crime revelando um elo entre a pobreza e a violência. Em muitos casos as pessoas acreditam que a principal causa desta violência é a ausência ou incorreção da educação familiar. Essa explicação é equivocada, porque imagina que a família deveria manter uma ética educativa acima dos conflitos sociais, como se ela não



fizesse parte dessa mesma sociedade e também não fosse atingida por suas contradições. (FRAGA, 2002, p. 53).

Percebe-se então, que a violência precisa ser compreendida numa perspectiva de análise mais ampla, no contexto urbano das sociedades modernas, tida como expressão da questão social, principalmente em sociedades como o Brasil, marcadas pela pobreza e desigualdade social. Nesta perspectiva, podemos considerar a questão da violência nas comunidades de baixa renda como “uma reação contra circunstâncias opressivas – seja de pobreza, de humilhação pelo desemprego, de pressão do crime organizado ou do poder arbitrário da polícia. A violência é uma marca característica das relações sociais” (PINHEIRO, 1997, p.46).

A proposta de trabalhar com estes jovens/adolescentes se justifica então por sua situação de exclusão social, ou melhor, de inclusão subalternizada em uma sociedade que prioriza as elites econômicas e sociais, dotando de infra-estrutura e condições de acesso os centros urbanos das cidades, deixando as periferias cada vez mais empobrecidas e sujeitas a todas as formas de violência já mencionadas.

A Fotografia como Instrumento de Inclusão Social

Buscamos neste projeto atingir principalmente os jovens e adolescentes que se encontram excluídos da sociedade, aqueles que dispõem de poucas opções de lazer na comunidade, sem acesso ao consumo de bens simbólicos e em uma situação de “analfabetos visuais”, excluídos também da produção de imagens em uma sociedade onde cada vez mais se intensificam as formas e possibilidades de comunicação visual.

O conceito de alfabetismo visual é proposto por Doris Dondis em *Sintaxe da linguagem visual*. Assim como o surgimento do livro e dos tipos móveis favoreceu o estabelecimento de uma cultura escrita, a popularização da fotografia e das imagens em geral também traz a reboque uma cultura visual cada vez mais presente na sociedade contemporânea. Vivemos rodeados de imagens de todos os tipos, a começar pelas fotos de identificação dos documentos, até as imagens publicitárias e jornalísticas que abundam na mídia e nas ruas das cidades. Compreender estas imagens, saber interpretá-las adequadamente, torna-se fundamental na sociedade contemporânea.

A força cultural e universal do cinema, da fotografia e da televisão, na configuração da auto-imagem do homem, dá a medida da urgência do ensino do alfabetismo visual, tanto para comunicadores quanto para aqueles aos quais a comunicação se dirige. Em 1935, Moholy-Nagy, o brilhante professor da



Bauhaus, disse: “Os iletrados do futuro vão ignorar tanto o uso da caneta quanto o da câmera”. O futuro é agora. (DONDIS, 1999, p. 4)

Como observou o fotógrafo e antropólogo Milton Guran, as comunidades empobrecidas, que sofrem amplos processos de exclusão social, geralmente não participam da produção da própria imagem, “sendo sempre e sistematicamente apresentadas ao conjunto da sociedade sob o impacto da tragédia – catástrofes, guerra de quadrilhas e confrontos com a polícia – o que só faz aumentar o preconceito com essa parte da população e a diminuir sua auto-estima” (GURAM, 2004).

Este foi um dos objetivos do Projeto Verter, proporcionar a jovens e adolescentes uma alfabetização visual através de oficinas de fotografia que lhes permitissem não apenas compreender como as imagens fotográficas que proliferam no mundo são construídas, o que é fundamental para entender o seu significado (AUMONT, 1993), mas também expressar e representar a realidade do seu ponto de vista, se tornando autor e sujeito ativo de sua história, e não apenas um espectador passivo. Através da utilização da fotografia, buscamos desenvolver formas de inserção social cidadã com os adolescentes, aproveitando o caráter lúdico da câmera fotográfica. Outro objetivo do projeto foi capacitar estes adolescentes a fazer uma leitura crítica de sua realidade, usando as fotografias produzidas pelos mesmos para discutir questões relativas ao seu cotidiano, buscando refletir sobre seus problemas.

O projeto realizou um encontro semanal com o grupo formado na comunidade (cerca de 20 adolescentes). Para formar o grupo buscamos o apoio de representantes da comunidade (membros da associação de moradores e profissionais da Unidade de Saúde), para que pudéssemos atingir principalmente aqueles que se encontram em situação de maior vulnerabilidade social. Tanto a divulgação da proposta como a mobilização dos adolescentes foi estabelecida em parceria com as lideranças comunitárias locais, assim a interação universidade-comunidade foi estabelecida desde o início, quando, junto com representantes da comunidade local, buscamos apresentar a proposta, conhecer a realidade dos jovens e divulgar as ações.

No nosso primeiro encontro, realizado nas dependências da Unidade de Saúde, apresentamos o projeto e, para despertar o interesse dos adolescentes, fizemos um exercício com câmeras fotográficas compactas usando filme colorido. Posteriormente conseguimos um espaço nas instalações da Igreja Católica no centro da comunidade, o



qual embora se constituindo em um espaço pequeno, foi oportuno para realizar as reuniões na comunidade.

Na primeira parte da oficina procuramos desenvolver a alfabetização visual do grupo através de exposições teóricas e de exercícios práticos, como a observação do fenômeno de formação da imagem fotográfica em uma câmera escura artesanal construída pelos próprios integrantes da oficina.

A parceria com o Fundo Municipal da Criança e do Adolescente (FIA) nos permitiu adquirir equipamentos e materiais para a realização das oficinas de fotografia. Os adolescentes dispuseram de 10 câmeras compactas de filme e duas câmeras digitais que compartilharam entre si. Esta estratégia de dividir as câmeras visou estimular um senso de responsabilidade do grupo com a oficina, uma vez que uma ação negativa de um dos integrantes prejudicaria os demais.

Em alguns exercícios realizados, os adolescentes utilizaram filmes em preto e branco, que foram revelados pelos próprios participantes da oficina no laboratório de fotografia da Universidade, usando as mesmas instalações que os alunos dos cursos superiores regulares. Através dos recursos do FIA, fornecemos passes de ônibus para que os adolescentes pudessem se deslocar da comunidade até a Universidade. Apesar das dificuldades em operar pela primeira vez equipamentos estranhos, os resultados obtidos foram satisfatórios, em especial por permitir aos adolescentes compreender as várias possibilidades de manipulação das imagens fotográficas.



Revelação de filme preto e branco no laboratório da FURB. Foto: Anamaria Teles.



Estes momentos, que acabaram por se constituir cerca de metade das atividades de trabalho, despertaram o interesse dos adolescentes integrantes do projeto, possibilitando-lhes conhecer a universidade.

Além de produzirem fotos com razoável qualidade estética e técnica, percebemos a satisfação dos adolescentes em ocupar o espaço da universidade, isto é, poder conhecer e transitar em um espaço distante de sua realidade, e que não é oferecido a eles como possibilidade concreta. Na grande maioria das vezes, a realidade sócio-econômica dos jovens das periferias não permite sonhar com o ingresso em um curso superior.

Em um questionário aplicado pelos bolsistas integrantes do projeto para obter informações acerca da percepção dos jovens sobre as oficinas de fotografia, um dos pontos considerado positivo pelos mesmos foi “ir à Universidade”, além de “tirar fotos”, claro.

Também aproveitamos os nossos encontros para apresentar aos adolescentes trabalhos de fotógrafos importantes como Sebastião Salgado, por exemplo. Em uma das idas dos adolescentes à Universidade, visitamos a biblioteca, em especial a seção de livros de arte e fotografia. Esses encontros contribuíram para fomentar nos jovens uma cultura visual, mostrando outras possibilidades de conhecimento e entretenimento além daquelas divulgadas na televisão, que é sabidamente o meio de informação e lazer mais acessado pelas comunidades de baixa renda.

Com exceção dos primeiros exercícios fotográficos que foram livres, nos demais exercícios propomos ao grupo discutir determinados temas antes de fotografá-los. Estas discussões objetivaram desenvolver o olhar do grupo sobre a comunidade, tanto nos aspectos estéticos quanto políticos, estimulando o registro do seu cotidiano, para, a partir das fotografias produzidas, debater acerca de sua realidade.

Assim, realizamos discussões antes das tomadas fotográficas de temas como “família”, “o trabalho”, “o que gosto na comunidade”, ou “o que não gosto na comunidade”. Procuramos desenvolver o conteúdo das fotografias, mostrando aos adolescentes que a fotografia pode ser tratada como um texto visual através do qual eles podem se expressar, e não apenas como um mero fruto do acaso, noção muitas vezes recorrente entre leigos no que se refere às possibilidades da fotografia.

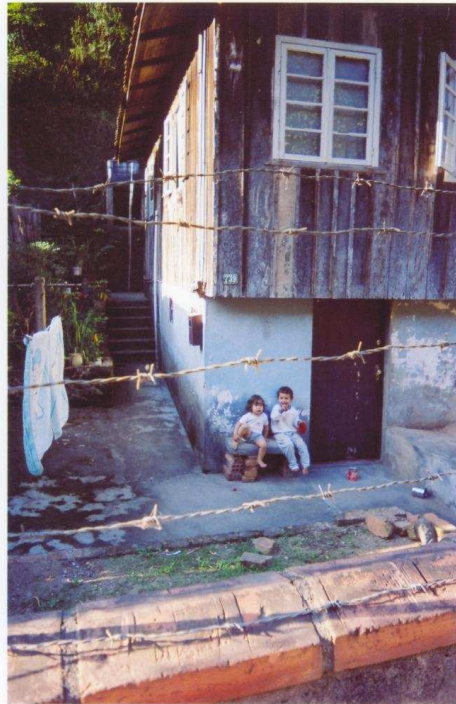


Foto de Luciane de Matos, 18 anos, produzida em uma das saídas fotográficas pela comunidade.

Para discutirmos a partir das fotografias produzidas utilizamos dinâmicas de modo a envolver todo o grupo na análise das imagens. Uma estratégia utilizada foi pedir aos adolescentes para espalharem todas as fotos de um filme em uma mesa ou mesmo no chão para visualizarem todo o conjunto do trabalho. Depois, pedimos que cada um selecionasse uma fotografia para apresentar ao grupo, explicando porque aquela foi a imagem escolhida e porque foi feita daquele modo. Em outro exercício, pedimos a eles que criassem legendas para as imagens selecionadas. Realizamos discussões não só sobre como fotografar, mas também sobre “o que” fotografar e sobre as imagens produzidas por eles.

Estas práticas estão de acordo com nosso objetivo de usar a câmera fotográfica como estratégia pedagógica, para aproximar e envolver os adolescentes no projeto, mas buscando também ir além das questões técnicas e estéticas da fotografia.

Na última etapa técnica da oficina de fotografia tratamos da questão digital, produzindo imagens com câmera digital e abordando as mudanças provocadas por esta nova tecnologia.

No final do projeto, realizamos uma grande exposição na Universidade com uma seleção (feita conjuntamente entre as coordenadoras do projeto e os adolescentes) das



melhores imagens produzidas ao longo da oficina, visando desenvolver a auto-estima dos adolescentes e buscando o reconhecimento na sua comunidade e na sociedade local como um todo. Também foram realizadas exposições na comunidade.

Estas exposições nos permitiram dar visibilidade na sociedade local a estes adolescentes e a realidade em que vivem, difundindo uma imagem positiva da comunidade em questão através da exposição do produto de seu trabalho. Pretendemos sobretudo possibilitar a produção e difusão de imagens da realidade da comunidade a partir do olhar dos próprios moradores. A exposição final do projeto, realizada no início deste ano na universidade, foi bastante positiva com ampla repercussão na mídia local.

Os Resultados

A proposta de uma alfabetização visual através das oficinas de fotografia foi atingida, pois pudemos observar nas imagens produzidas pelos adolescentes uma melhora considerável tanto com relação à qualidade estética quanto aos conteúdos registrados, se compararmos os primeiros exercícios fotográficos com os últimos. As fotografias passaram a ter um objetivo mais claro, ao invés de apresentar motivos dispersos e aleatórios. As noções técnicas de aproveitamento de luz, uso de *flash* eletrônico, composição e enquadramento foram incorporadas e aplicadas na prática pelos adolescentes, o que favorece a qualidade plástica da imagem, mesmo com a utilização de câmeras fotográficas compactas, com poucos recursos tecnológicos, como é o caso das utilizadas neste projeto.

Com relação ao objetivo de discutir com os adolescentes, a partir das imagens produzidas, situações vivenciadas no seu cotidiano, buscando possíveis formas de enfrentamento para as mesmas, encontramos algumas dificuldades em fazer os adolescentes se expressarem. Acreditamos que um dos motivos das dificuldades encontradas se deva à faixa etária do grupo, entre 13 e 15 anos em sua maioria. Outra hipótese seria as poucas oportunidades de lazer disponíveis aos adolescentes, sendo que os mesmos, em diversos momentos, expressaram que “não tem o que fazer” quando estão fora da escola. Entendemos assim que, sentar e discutir não seria tão atrativo quanto “tirar foto” ou revelar os filmes na universidade. As atividades práticas interessam mais aos adolescentes, pois contém um caráter lúdico e tornam os momentos mais dinâmicos. Uma das questões que podem explicar esta atitude é o fato da postura autoritária com a qual tem se manifestado a escola existente no local, apontada pelas pesquisas e trabalhos já realizados na comunidade. Trata-se de uma escola municipal,



que oferece o ensino fundamental e onde a maioria dos moradores (em idade escolar) frequenta.

Apesar das dificuldades encontradas nos debates, os relatos trazidos pelos meninos e meninas sobre as situações vividas na comunidade abordam as mais diferentes realidades como tráfico de drogas, truculência das batidas policiais, brigas entre vizinhos, degradação ambiental através das constantes queimadas nos morros, esgoto a céu aberto etc. Estas falas, aos poucos, vão se transformando em imagens fotográficas, construídas pelos próprios adolescentes. Acreditamos que este trabalho de conscientização e enfrentamento dos problemas foi fundamental para a formação política dos adolescentes (entendendo aqui a expressão “política” em um sentido mais amplo), ao mesmo tempo em que criamos um espaço de lazer para eles se expressarem e trocarem experiências, espaço que os adolescentes não encontram na comunidade seja pela falta de opções de entretenimento, seja pelo autoritarismo apresentado pela escola.

Assim, a comunidade vai apresentando-se aos poucos, através dos relatos e das imagens produzidas por estes adolescentes, trazendo toda a beleza e a dureza das contradições vividas por estes jovens moradores.

Analisando as fotografias realizadas, percebemos que os amigos e a família foram os temas mais recorrentes, enquanto a comunidade foi desvalorizada, aparecendo não como assunto digno de ser fotografado, mas como pano de fundo dos retratos. Esta preferência pelas pessoas em detrimento dos lugares mostra uma rede de relações tecidas na comunidade que lhes possibilita superar em certa medida a dura realidade enfrentada em termos de falta de infra-estrutura e excesso de violência. Também mostram uma defasagem em termos de registros fotográficos entre os adolescentes, seus amigos e familiares, como uma integrante do projeto expressou em certa ocasião. Vale lembrar que toda seleção que fazemos em termos do que é fotografável ou não representa nossos valores, aquilo que elegemos como legítimo de ser lembrado. Neste sentido, acreditamos que a fotografia contribuiu de fato para a inclusão social destes adolescentes, que puderam se afirmar como sujeito nas imagens – autores e personagens das fotografias, relegando a um segundo plano os problemas da comunidade. Mesmo assim, é possível ver nestas fotografias de pessoas na rua, no quintal de casa, na escola, uma realidade que não aparece nos cartões postais da cidade de Blumenau (que muitas vezes é chamada de “Europa brasileira” pela mídia).



O fato da mídia local ter anunciado com boa repercussão a exposição de fotografia ocorrida na universidade possibilitou que se veiculasse uma outra imagem da comunidade Pedro Krauss, diferente daquela que se vê com maior frequência nos meios de comunicação, ou seja, os problemas enfrentados por uma comunidade de baixa renda da periferia, normalmente relacionados à violência. Desta vez, a comunidade foi ressaltada por outros atributos, trazidos por seus próprios moradores, o que, segundo relatos dos próprios moradores, foi extremamente positivo. Os adolescentes também se sentiram valorizados a partir da exposição e divulgação dos trabalhos na sociedade local e trouxeram isso em seus relatos na avaliação feita ao final do trabalho. Acreditamos que este fato contribuiu também para o aumento da auto-estima destes adolescentes.

Por fim, vale frisar que este trabalho continua sendo executado neste ano, em uma outra comunidade de baixa renda de Blumenau.



Álbum de família: foto de Paola Corrêa, 14 anos.

Referências

AUMONT, Jacques. *A imagem*. Campinas: Papyrus, 1993.

DONDIS, Doris A. *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.



FRAGA, Paulo Denisar. Violência: forma de dilaceramento do ser social. *Revista Serviço Social e Sociedade*. Ano XXIII, nº70 – Julho de 2002.

GURAN, Milton. “*Inclusão Visual*”, a *Inclusão Social através da Fotografia*. Disponível em <<http://photos.uol.com.br/matéria.jsp>>. Acesso em 27/set/2004.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Violência, Crime e Sistemas Policiais em Países de Novas Democracias. *Tempo Social*. São Paulo: 9(1), maio de 1997.

RELATÓRIO DO PROJETO ASSENTAMENTOS HUMANOS. Blumenau, Fundação Universidade Regional de Blumenau, 1998.